

Corsan pressionada a levar água potável a Rua Nova com urgência

Companhia de Saneamento tem compromisso contratual de oferecer água potável à comunidade desde 2012, mas as obras ainda não foram realizadas

■ Márcio Reinheimer
marcio@jornalibia.com.br

Os cerca de 300 alunos e professores da Escola Municipal Etelvino de Araújo Cruz, em Rua Nova, continuam enfrentando os problemas da falta de água potável. O poço que atendia a instituição de ensino produz um líquido sujo e amarelado, impróprio para o consumo, o que obriga a Prefeitura a fornecer o produto em bombonas. O problema, contudo, já deveria estar resolvido há anos, mas a Companhia Riograndense de Saneamento não cumpre o contrato com o Município pelo qual explora o serviço de abastecimento no território montenegrino.

O assunto foi tema de uma reunião na Câmara esta semana, convocada



FOTO: ACOM CÂMARA DE VEREADORES

COBRANDO soluções: Rodrigo e a vereadora Josi pediram empenho ao gerente da Corsan, Luterio Fracasso

pela vereadora Josi Paz (PSB). O encontro levou ao Legislativo o gerente local da empresa, Luterio Fracasso, e o diretor da instituição de ensino, Rodrigo Fernandes. Em abril de 2012, quando a Prefeitura renovou por mais 30 anos a concessão dos ser-

viços de abastecimento de água com a Corsan, ficou estabelecido, no contrato, o atendimento imediato à comunidade de Rua Nova.

Na época, até ocorreram reuniões com os moradores, em que foram apresentadas duas alternativas. A primeira era a perfuração de

um novo poço, para atender não somente a escola, mas a toda a população. A segunda, era a extensão de uma rede com origem no Pólo Petroquímico até a localidade. Seis anos depois, porém, a localidade segue sem água potável nas torneiras.

Durante a reunião desta semana, o gerente da Corsan alegou que houve resistência entre os moradores de Rua Nova em receber a água tratada, uma vez que o fornecimento seria cobrado. “O interesse em se interligar à rede foi zero”, explicou Luterio Fracasso. A direção da companhia teme fazer um investimento de vulto que depois não terá uso pela população. Fracasso acredita que a medida mais viável, num primeiro momento, especialmente para atender a demanda da Escola, seria a perfuração de um novo poço. Ele adiantou que o projeto está em fase de estudos de geologia. Uma vez perfurado o poço, a água terá tratamento adequado e análise diária.

A vereadora Josi Paz afirma que é preciso encontrar uma solução urgente e anunciou que levará a demanda à direção da estatal, em Porto Alegre. Enquanto o atendimento da escola é feito através de bombonas fornecidas pela Prefeitura, nas casas, a maioria das cerca de 300 famílias da comunidade utiliza água de poços artesanais, sem qualquer controle de qualidade.